

DEANS' CORNER

Os grandes temas da atualidade nacional e internacional e as tendências da gestão analisadas pelos diretores das principais Escolas de Negócios portuguesas. Escrevem Filipe Santos, João Duque, José Pinto, José Crespo de Carvalho, José Esteves, Maria de Fátima Carioca e Pedro Oliveira.



JOSÉ CRESPO DE CARVALHO
Dean do ISCTE Executive Education

Universidades: quando crescer (a sério) passou a ser suspeito

Há uma tentação perigosa a instalar-se nas universidades: a de achar que a sua missão já não é crescer por via do seu modelo de negócio (e, sim, é preciso tê-lo), internacionalizar, incorporar conhecimento, exigência, investigação, ensino, impacto e formação executiva, mas redistribuir intenções, proclamar virtudes e organizar consensos morais. É a mesmíssima tentação que Pedro Santa Clara criticou a propósito do manifesto publicado no The Guardian por Stiglitz, Piketty, Ghosh, Raworth, Hickel e De Schutter: "Nós, economistas, fizemos as contas: o 'crescimento' é uma estratégia condenada." Bullshit.

O manifesto assenta na crença de que um grupo esclarecido pode substituir a realidade por um guião, os incentivos por direitos adquiridos, a evidência por adesão coletiva e o mérito por construção administrativa.

Ora, a universidade sempre viveu de crescimento: conhecimento, ambição, investigação, empregabilidade, modelo de negócio (para que não se confundam, sim, as universidades precisam de um modelo de negócio; antes de dizerem que a universidade não é um negócio procurem saber o que é um modelo de negócio!) e ligação às empresas, ao Estado e à sociedade. Uma universidade que

não cresce empobrece. E empobrece primeiro os estudantes e participantes.

A ideia de que o crescimento é suspeito começa por desconfiar da competição. Depois da avaliação. Da hierarquia académica. Do mérito. No fim, transforma a universidade num espaço onde todos devem ser validados, mesmo quando nem todos estudaram, trabalharam ou produziram o mesmo. Parece de uma bondade extrema. Não é. É profundamente injusto.

São os melhores alunos, os mais esforçados e os mais talentosos que primeiro pagam a fatura desta mediocridade. Deixam de encontrar programas duros, professores exigentes e instituições capazes de os levar mais longe. E os alunos e participantes frágeis ficam mais mal servidos, porque uma universidade que baixa a fasquia não os ajuda: ilude-os. E depois saem com a ilusão de que...

Também aqui há uma ilusão de planeamento. Querem igualdade? Faça-se um regulamento. Querem sucesso? Faça-se uma estatística. Querem empregabilidade? Construa-se uma narrativa. Querem impacto? Comunique-se. Querem internacionalizar? Assinem-se protocolos. Mas o conhecimento não nasce das comissões e dos grupos de trabalho. A ciência não avança por aclamação. A reputação não se decreta. A excelência não se distribui. Tudo se conquista.

Quando a universidade substitui a pergunta pela doutrina, deixa de perguntar, confrontar, testar, medir,

A universidade não pode ser uma fábrica de obediência suave nem ficar refém de um centralismo castrador. Deve ser um lugar de exigência civilizada e construção descentralizada.

contradizer, errar e corrigir. Passa da conclusão para os argumentos que a justificam. Resultado: menos pluralismo, menos debate, menos contraditório e mais conformismo. Tudo muito correto. Aparentemente. Mas tudo muito pobre.

A universidade não pode ser uma fábrica de obediência suave nem ficar refém de um centralismo castrador. Deve ser um lugar de exigência civilizada e construção descentralizada. Para isso existem faculdades e existem escolas. Mas um lugar

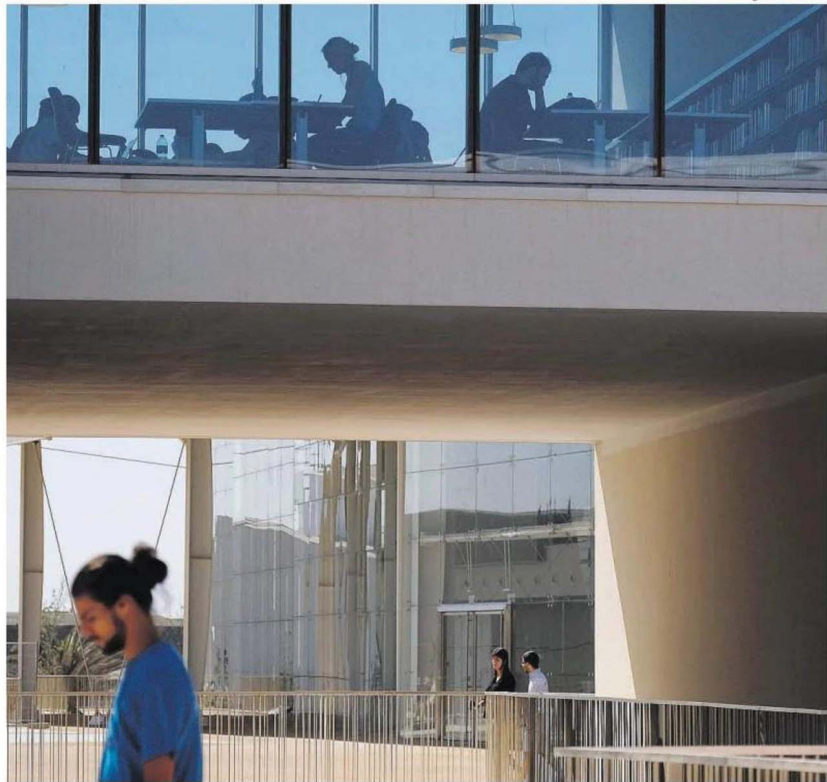
onde se ensina a pensar, não apenas a sentir; onde se trabalha, não apenas se reivindica; onde se produz.

A universidade deve apoiar quem precisa, abrir portas e corrigir desigualdades de partida. Mas oportunidade não é facilitismo. Inclusão não é baixar o nível. Justiça não é fingir que o desempenho não conta.

A geração que chega agora à universidade não precisa de menos crescimento. Precisa de mais: mais conhecimento, mais exigência, mais produtividade, mais mundo, menos proteção, mais tentativa e erro e mais futuro. O pior que lhe podemos oferecer é uma pedagogia da escassez vestida de pseudomoralismo.

O melhor mesmo é instigar a convicção, real, de resto, de que há sempre mais mundo para construir. Desde que se estude, se trabalhe, se pense e se cresça com isso. Repito: porque esta é, efetivamente, a realidade. A ideia de que o crescimento está condenado é apenas mais uma das muitas falácias que por aí andam. ■

Miguel Baltazar



ID: 123543030

16-06-2026

J. CRESPO CARVALHO
A ideia de que o crescimento
está condenado é uma falácia
P. 26

